



# JORNAL

## associação portuguesa de paramiloidose

N.º 7, 8, 9 e 10 SETEMBRO 1983 - (DIST. GRATUITA)

A DIRECÇÃO

### Editorial

*Todos fomos educados na nossa meninice e juventude a dar à vida um valor infinito. Os nossos pais e professores assim nos ensinaram. Os tempos passaram e tornámo-nos adultos.*

*Confrontados com a realidade, quantos de nós nos temos deparado com situações que desmentem esses ensinamentos, e deixam a nu a hipocrisia e a mentira do mundo em que vivemos. Não queremos com isto dizer que os nossos pais e professores eram hipócritas e mentirosos. Nada disso. Hipócritas e mentirosos são todos aqueles que espalham aos quatro ventos esses valores para meninos ouvir e aprender, e, na prática, cultivam o ódio e semeiam as guerras, pondo em perigo a sobrevivência da Humanidade, sem o menor respeito pela Vida; são aqueles que vêm grassar à sua porta a fome, a doença e a miséria e quando alguém os interpela para se acabar com esse estado de coisas, logo com enfado e muito tecnocráticamente atalham: não, não pode ser, não há verba.*

*Sim, não há verba, mas não há verba para construir engenhos mortíferos? Não há verba para mil e uma coisas?*

*Onde está a civilização e o respeito pela vida que tanto se apregoa? Lindas palavras e lindos ensinamentos que aprendemos quando éramos meninos e, contudo, longe ou perto de nós há pessoas que morrem vítimas de fome, de guerra e doença incluindo a PARAMILOIDOSE.*

*Felizmente que nem tudo é mau neste mundo.*

*Há muita e muita gente que tem pela vida um elevado apreço.*

*Ainda há bem pouco tempo, mais precisamente em Julho do corrente ano, se reuniram no salão nobre das Biomédicas Abel Salazar, no Porto, sobre a presidência do Srs. Drs. Aloísio Coelho e Corino de Andade, respectiva-*

(Continuação Pág. 7)

### Paramiloidóticos Preparam Encontro Nacional

Encontra-se já em fase bastante adiantada de preparação o PRIMEIRO ENCONTRO NACIONAL DOS PARAMILOIDÓTICOS.

Prevista inicialmente a sua realização em Pateira de Fermentelos, este local teve que ser abandonado em virtude de não possuir as condições especiais para acolher doentes deste tipo.

Por isso neste momento estão a desenvolver-se esforços no sentido de se encontrar um local adequado, que reúna ao mesmo tempo condições de acolhimento (instalações sanitárias, etc.) e um recinto ou uma sala, para a realização do debate das teses que irão ser apresentadas sobre a problemática dos doentes com PARAMILOIDOSE.

Esperamos, muito em breve, poder elaborar um documento-resumo das inúmeras carências e necessidades dos paramiloidóticos, cuja satisfação iremos reclamar do Governo.

Assim apela-se a todos os doentes e sócios que não percam esta oportunidade de conviver e de confraternizar, ao mesmo tempo participando na discussão e análise das referidas teses, a fim de que elas possam ser melhoradas e enriquecidas.

As conclusões a que chegarmos no nosso primeiro ENCONTRO NACIONAL servirão de tema a apresentar no 2.º CONGRESSO NACIONAL DE DEFICIENTES, que terá lugar na Amadora, no próximo mês de Outubro.

### Reuniões Trimestrais de Núcleos

De harmonia com o estatuído e como vem sendo hábito, tem esta Direcção promovido reuniões trimestrais com os membros directivos dos Núcleos. Quem se recorda das primeiras reuniões e as coteja com as de hoje, por certo que as achará bastante diferentes. De uma fase inicial entusiasmante depressa caíram numa participação reduzida, agrupando sempre os mesmos e os poucos Núcleos.

Poder-se-á afirmar que ao longo da curta existência da Associação, estas reuniões têm sido bem o espelho da vida da Associação com os seus altos e baixos. Contudo, apesar de todas as suas imperfeições e deficiências elas têm-se mastrado extremamente úteis. Quantos de nós as iniciávamos desanimados, quase derrotados, e saíamos com outro espírito, com outras forças, com outra determinação em lutar e vencer as nossas dificuldades locais. Se outro mérito não tivesse bastaria este: ir buscar e retemperar forças para continuar.

Quem assistiu e participou nestas últimas reuniões terá saído de lá mais confiante do que nunca.

(Continuação Pág. 2)

### Sumário

Reuniões trimestrais de Núcleos	Pág. 2
Encontro Nacional dos Paramiloidóticos Editorial (Continuação)	Pág. 2
A Paramiloidose e sua propagação ao longo dos Séculos	Pág. 3
Notícias dos Núcleos	Pág. 7
Cultura e Recreio	Pág. 9
Letras e Artes	Pág. 9
O que eu penso sobre o lar	Pág. 10
A Reunião do «Dossier»	Pág. 10
Resposta a uma carta anónima	Pág. 11
Curiosidades	Pág. 12



## Reuniões Trimestrais de Núcleos

(Continuação da Pág. 1)

Verifica-se que houve um salto de qualidade: maior número de Núcleos, uns em pleno funcionamento e outros ressurgindo em força.

Estas reuniões são como que uma pausa para reflexão, onde são relatadas as principais actividades dos Núcleos. E há actividades importantíssimas, impensáveis ainda há bem pouco tempo: rastreio, consulta, angariação de fundos, convívios, instalação de sedes, pedidos de subsídios, acções de carácter social, etc...

São aprendizagem com o relato de experiências... todos aprendemos uns com os outros. Braga e Figueira da Foz prosseguem uma obra já rica, Póvoa e Vila do Conde, temporariamente ausentes, voltam em força, bem organizados, com uma vitalidade e dinamismo que a todos surpreendeu.

Barcelos, Unhais e Seia, onde, compreensivelmente, houve mais dificuldades em arrancar, estão com firmeza a organizarem-se e já ninguém duvida de que muito em breve ombrearão com os restantes Núcleos.

## ENTREVISTA

M. M., 19 anos de idade, 12.º ano, filha de mãe com Paramiloidose.

**ENTREVISTADOR:** Com certeza que sabes o que é a Paramiloidose, tanto mais que tens visto os seus efeitos, na tua mãe e tuas tias; Qual achas ser a sua principal característica?

**M. M.** — Sei que é uma doença hereditária, isto é, que se transmite de pais para filhos.

**ENT** — Que conheces sobre o seu tratamento?

**M. M.** — Conheço os tratamentos que são ministrados à minha mãe, mas não especificamente para combate eficaz à doença.

**ENT** — Sabes que foi descoberto há pouco tempo um processo que permite detectar com bastantes anos de antecedência de aparecerem os primeiros sintomas, se os filhos de pais paramiloidóticos irão ter ou não essa doença.

— Achas vantagens nessa descoberta?

**M. M.** — Sobre o ponto de vista de conhecimento da doença acho que foi um grande passo científico, com respeito à sua aplicação prática não sei, acho que pode vir a trazer problemas a nível psicológico naqueles em que a doença for detectada.

**ENT** — Gostarias de te submeter a esse exame?

**M. M.** — Sim, gostava.

**ENT** — Porquê?

**M. M.** — Porque em função do resultado poderia gerir a minha vida de harmonia com o resultado positivo ou negativo.

Se fosse positivo, isto é, acusasse a presença da doença, poderia casar mas evitar ter filhos, mas este evitar, significa não ter mesmo filhos..., tentar uma vida mais estável, ter um emprego que me desse mais garantias na doença, já que a vida, à priori, se entretanto não surgisse um tratamento que a travasse, seria mais curta. Iria tentar vivê-la o máximo.

Se o resultado desse negativo libertar-me-ia de toda a ansiedade em que vivo, enfim era uma pessoa NORMAL.

Enfim, para aquelas pessoas cujo resultado fosse negativo, implicando ausência de paramiloidose, seria encontrar nelas próprias pessoas diferentes, no mesmo pé de igualdade que todos os seres humanos.

## Encontro Nacional dos Paramiloidóticos

EM 10 DE SETEMBRO 1983

### PROGRAMA

11 horas (da manhã) — CONCENTRAÇÃO no Parque de S. Caetano, Vilar do Paraíso — V. N. GAIA

Recepção e saudação de boas-vindas

12 horas (meio-dia) — ALMOÇO — cada qual traz o seu farnel.

14 horas — ENCONTRO — apreciação das teses.

15 horas — REUNIÃO DE NÚCLEOS alargada a todos os presentes.

16,30 horas — ENCERRAMENTO.

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE PARAMILOIDOSE  
PORTO

## Editorial (Continuação)

mente, Presidentes do Instituto Nacional de Saúde e do Centro de Estudos de Paramiloidose, destacados médicos e investigadores, que desde há muito travam combate contra a paramiloidose, estudando-a e procedendo ao ensaio de novos tratamentos em deficientes condições de instalações e equipamento.

Esta reunião à qual assistimos como convidados, teve como objectivo a apreciação do «Dossier Paramiloidose», organizado pelo Centro de Estudos de Paramiloidose do Instituto Nacional de Saúde, em colaboração com diversas entidades e personalidades médicas ligadas à investigação da doença.

Este dossier consta de duas partes, fazendo na primeira parte o balanço e o ponto da situação do longo trabalho até hoje efectuado e na segunda descrevendo os projectos de investigação e ensaios terapêuticos projectados ou em curso.

Seguimos com viva atenção o debate sobre o dossier e foi reconfortante para nós, observarmos o interesse e o entusiasmo que os participantes demonstraram em continuar, agora em condições mais favoráveis, a investigação sobre a paramiloidose.

Existem projectos para prosseguir a investigação, há uma convergência de vontades para caminhar em frente com energia.

Seria criminoso faltarem os meios.

E é por isso que é urgente que realizemos o nosso 1.º encontro nacional, para debater esse e outros problemas que nos afectam. Temos que tomar consciência deles.

Temos que passar a palavra, conquistar mais pessoas para a nossa causa, para que as nossas vozes sejam mais fortes.

E para que a nossa voz também seja ouvida juntamente com outras que estão ao nosso lado, participaremos em Outubro próximo, no 2.º Congresso Nacional de Deficientes, a realizar na Amadora, à semelhança do que já fizemos durante o 1.º Congresso.

Esperamos fazer figurar nas conclusões finais do 2.º Congresso também as nossas pretensões que são a dotação, por parte do Governo, dos meios indispensáveis para se prosseguir com eficácia o estudo e a investigação sobre a paramiloidose e suas formas de tratamento.

Por último a Associação Portuguesa de Paramiloidose rejubila e saúda todas as entidades e personalidades comprometidas com este esforço e mais uma vez se coloca ao dispor, certa de que se caminha para o benefício dos doentes e para um maior prestígio da ciência médica em Portugal.



remorso ou responsabilidade em relação à doença. Aqueles cuja análise revelar que virão a ter a doença terão de ser fortemente aconselhados a não ter filhos, sob o risco de ficarem com a responsabilidade da sua propagação. Mais do que isto o médico não pode nem poderá fazer — o resto cabe à decisão de cada um.

«No tempo do meu falecido Pai, lembro-me dos médicos que o assistiram — Dr. Corino Andrade e Dr. Canijo. Agora no meu tempo já me passou o Dr. Resende Barbosa e presentemente o Dr. Luís Manteira. Não tenho nada contra eles mas pessoalmente, na minha óptica de análise (admito que esteja errado) não se debruçam intensivamente ao combate e ao estudo da doença. É claro que outras coisas mais importantes na vida terão. Pois nem só de estudo vive o homem. As vezes pergunto a mim mesmo se esta doença surgisse num médico seria verdade que o estado da mesma iria muito mais avançada?».

Tem razão o autor da carta anónima. Os médicos que trabalham na PAF, exceptuando os ligados aos laboratórios de investigação, têm outros interesses além da PAF. Têm outros doentes, igualmente graves e em quem a intervenção médica a tempo é às vezes mais necessária e eficaz. Têm problemas de trabalho e problemas pessoais como qualquer outra pessoa. E como toda a gente, necessidade de intervalos durante o dia em que «desliguem» de doenças e sofrimento. Por muito bem organizada que venha a estar a assistência aos Paramiloidóticos, não creio que alguma vez venha a existir um médico com a disponibilidade absoluta que os doentes pretendem. Quanto à questão de se o curso das coisas seria diferente se houvesse algum médico atingido pela Paramiloidose, penso que não. Porque

desde que o Centro funciona já foram identificados vários médicos e estudantes de Medicina com a doença.

Trata-se, como viram pelos excertos de uma carta desesperada. Quem a escreveu tem razão em alguns pontos, noutros reina a injustiça, levada pelo sofrimento e pelo desanimo. O que gostaríamos de concluir dele e do que ela reflecte é o seguinte, generalizado a todos as pessoas afectadas pela doença:

— Não guardar as suas dúvidas para si. Exponha-as, não numa carta anónima, mas ao seu médico e discuta com ele os seus problemas.

— Mantenha-se informado sobre o que vai acontecendo no Centro de Estudos de Paramiloidose, quer através deste jornal quer nas reuniões promovidas pela Associação.

— A Associação Portuguesa de Paramiloidose foi criada para resolver os problemas dos doentes.

Colaborar activamente com ela, batalhar com ela, é a melhor maneira de não continuar isolado, sofrendo a doença, mas de se sentir co-responsável na luta contra ela.

## CURIOSIDADES



1 caça F-14 = 8 escolas



1 porta-aviões = 1 grande central eléctrica



1 tanque 'Leopard' = 36 apartamentos de 3 assoalhadas



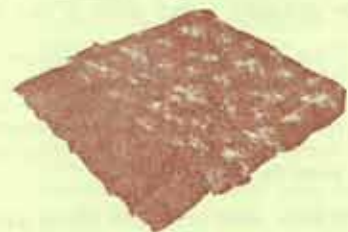
1 batalhão de tanques em manobras = 28 jardins de infância

1 submarino atómico = 1 ano escolar para 16 milhões de crianças

1 míssil intercontinental MX = 5 hospitais



## COELIMA LENÇÓIS



Coelima PEVIDÉM-PORTUGAL



JORNAL associação portuguesa de paramiloidose

Sede provisória: HOSPITAL GERAL DE SANTO ANTÓNIO 4000 PORTO

Execução gráfica: Tip. ALMAGRAFICA Porto

1500 ex. — 8-83



## Resposta a uma Carta Anónima de um Paramiloidótico

*Recebemos da S.<sup>a</sup> Dra. Paula Coutinho, para publicação, a seguinte carta:*

Registada e datada de 5 de Janeiro de 1983, recebemos no Centro de Estudos de Paramiloidose uma carta anónima a que, apesar de anónima, gostaríamos de responder. Sobretudo porque ela reflecte as dúvidas e o desespero que muitas vezes sentimos nos doentes e a que nem sempre temos oportunidade de responder. Vamos pois transcrever fragmentos dessa carta e comentá-los ponto por ponto.

«um mal a que ninguém se digna resolver após tantos anos ele existir no nosso País. (...) E outros... vão sofrendo, padecendo, à espera de que alguém da Medicina se digna dizer que este mal está a caminho de ser curável, pois já lá vão tantos anos de estudos infrutíferos».

Os médicos não «se dignam» resolver doenças. Trabalham para as tratar, desanimam quando o não conseguem e também eles ficariam profundamente satisfeitos se surgisse uma solução para a doença. Por outro lado, não é justo falar de «tantos anos de estudos infrutíferos», sobretudo quando, nos últimos tempos, se fizeram progressos tão importantes no conhecimento da Paramiloidose. Só se pode tratar o que se conhece. O que nós conhecemos actualmente da doença, pode ser um primeiro passo para o seu tratamento.

«Estudos esses que consistem nisto: Faz-se uma biópsia e, caso positivo, tira-se sangue para análise e a alguns tira-se um determinado nervo, para análise e consequentemente para estudo e vamos andando anos e anos apenas nisto, à espera de um milagre».

Há aqui uma confusão óbvia entre os exames que se fazem para ajudar directamente o doente, no sentido de esclarecer o diagnóstico, e aqueles que se fazem para investigação, no sentido de avançar no conhecimento da doença. Estão no primeiro caso as biópsias, que se fazem para confirmar que a pessoa que nos vem consultar tem mesmo uma Paramiloidose. Actualmente faz-se apenas uma biópsia de pele e só nos casos difíceis se recorre também à biópsia de nervo. Quanto aos exames de sangue, alguns são feitos também no interesse directo do doente, para avaliar do seu estado e de algumas complicações frequentes nesta afecção.

Noutros casos a colheita de sangue destina-se realmente à investigação. Mas a base principal dos estudos efectuados sobre a Paramiloidose, que levaram à descoberta da natureza da doença, foi o material colhido em autópsias, realizadas com o consentimento das famílias dos doentes. Finalmente, faz-se uma outra série de exames quando se começa um tratamento novo, no sentido de podermos, ao fim de algum tempo, avaliar dos seus resultados. É portanto falso que se ande no Centro de Estudos de Paramiloidose sempre a fazer colheitas para investigação. A maior parte dos exames são realizados para avaliação e benefício directo do próprio doente que nos consulta.

«No que respeito ao tratamento e consultas, parece que tudo vai muito mal: as consultas vão passar para 6 meses, incrível!!! Por sua vez o doente está mal, dirige-se ao hospital para contactar com o médico: é um caso perdido, ninguém sabe nada. O Sr. Dr. não está, venha cá noutro altura. Pois em vez de haver consultas constantes ao combate e tratamento da doença, liga-se menos ao doente, despreza-se o seu sofrimento».

Todos nós estamos conscientes das deficiências do funcionamento do Centro de Estudos de Paramiloidose que vem lutando com grandes problemas de espaço, e de pessoas, problemas esses difíceis de resolver porque existem também ao nível do Serviço de Neurologia onde funciona a consulta do Centro de Estudos de Paramiloidose e ao nível do próprio Hospital de Santo António.

Alguns dos comentários acima transcritos são no entanto injustos. As consultas só são mais espaçadas quando os doentes pertencem a uma área coberta por um Centro de Saúde com consulta de Paramiloidose, onde se passou a fazer a assistência de rotina aos doentes da zona. Neste caso, eles passam a vir ao Centro de Estudos apenas uma vez por ano para um exame mais profundo. Em relação ao atendimento permanente que o autor da carta pretende, é evidente que ele não existe nem poderá nunca existir no Centro de Estudos, por muito bem que ele um dia funcione. Os médicos que nele colaboram trabalham todo o dia no Hospital, das 9 da manhã às 4 da tarde, mas têm inúmeras tarefas e muitos outros doentes, quer internados quer da consulta. Não podem por isso estar sempre disponíveis para ver os paramiloidóticos às horas que eles entendem. Para os casos realmente urgentes, está sempre no Serviço de Urgência um neurologista que os atende e tem à sua disposição o processo sobre o doente existente no Centro. Quando se está doente, e com maioria de razão quando se sofre de uma doença como a Paramiloidose, é natural que se tenha tendência para avaliar tudo só de um determinado ponto de vista e de se sentir sempre prejudicado. Mas é preciso fazer um esforço para tentar compreender também a posição dos outros.

«E voltando de novo ao estudo da doença, não posso deixar de dizer que tudo também vai de mal a pior. A doença alastra, as famílias desesperam-se, os doentes desanimam, não por si próprios mas sim pelos seus filhos que serão alvo deste mal, mais tarde ou mais cedo. E assim se vai perecendo, doente após doente, sem que a Medicina ponha travão a este flagelo humano!!!».

A questão dos filhos dos doentes põe problemas delicados e que ultrapassam largamente o médico. Como se sabe, a única maneira de acabar de vez com a doença seria que os indivíduos em risco de a ter (filhos de doentes) decidissem, conhecendo o seu modo de transmissão não ter filhos, de modo a não contribuírem para a sua propagação. Desde que este Centro existe que isto vem sendo dito a gerações sucessivas de doentes, sem qualquer resultado evidente até agora. A maior parte dos doentes vem consultar-nos já com vários filhos. Procuramos depois seguir esses filhos anualmente mas o que em regra acontece é que, justamente na altura em que seria mais importante mantermos contacto com eles, isto é, quando chegam à idade de constituir família, deixam de nos aparecer e só surgem de novo quando lhes aparecem os primeiros sintomas da doença e... já com filhos. Compreendemos bem que isso aconteça, sabemos a carga pesada que é viver na ameaça permanente de vir a ter a doença e que é humano tentar fechar os olhos e levar uma vida normal. Por tudo isto o aconselhamento que fazíamos até agora era quase totalmente ineficaz. Pensamos que vai ser aqui que se farão natar os primeiros frutos das descobertas recentes relacionadas com a doença. É possível que, dentro de um ano, dispunhamos de uma análise que nos permita dizer se este ou aquele filho de um doente vai ou não ter a doença mais tarde. Poderemos então libertar alguns deles de uma carga permanente, pois que se a não tiverem poderão levar uma vida normal e ter os filhos que quiserem, sem qualquer



## O que eu penso sobre o lar para Paramilodóticos a construir na Póvoa de Varzim

Não era capaz de sobreviver sem a companhia e o carinho dos meus familiares.

Não teria coragem e moral para poder enfrentar a doença fora do meu lar. Vendo o dia-a-dia como pessoa normal entendo poder contrariar a adversidade da doença.

O Paramilodótico é um doente muito especial que não pode estar isolado do Mundo exterior, visto que correrá graves riscos tais como: perda de personalidade moral e psíquica, mau relacionamento com as pessoas, desconfiança total não acreditando em nada nem em ninguém. Como se sabe até ver a doença não tem tratamento, os doentes internados no dito lar assistirão todos os dias a fases dramáticas que os levarão ao desespero total.

Será que o pessoal desse pertença lar terá para com a maior parte dos doentes mais carinhos que os próprios familiares?

Os familiares dos doentes têm para com os mesmos e a sociedade deveres morais, civicos e materiais, dos quais não se devem alhear.

O Paramilodótico mesmo que viva numa barraca com os seus familiares será mais feliz que encerrado num lar a ver morrer os seus colegas, perguntando a si próprio quando chegará o seu dia.

### COMO EU VEJO A RECONVERSÃO DO DITO LAR

Os Paramilodóticos têm perda de sensibilidade; magoam-se; no Inverno fazem queimaduras grandes e extensíssimas. As mulheres no fogão e na louça; os homens a comer e a fumar. Caem com frequência, fazem fracturas, batem com os pés nos móveis provocando ferimentos graves. Considerando que as zonas mais afectadas pela Paramiloidose estão muito próximas da Póvoa de Varzim, entendo que o que é preciso nessa localidade é um bom Centro Hospitalar onde os doentes poderão ser internados para se tratarem, fazerem recuperação e voltarem novamente a casa.

Sou também de opinião que se instale nesse Centro Hospitalar uma máquina de Plasmoforese para se fazer o tratamento piloto.

*José Silva Monteiro*  
(Doente Paramilodótico)

## A Reunião do «Dossier Paramiloidose» vista por um elemento da Direcção da A. P. P.

Confesso que senti um grande orgulho ao ser convidado para assistir à reunião do lançamento do «Dossier Paramiloidose», em Julho passado, nas Biomédicas Abel Salazar, no Porto, representando a Associação Portuguesa de Paramiloidose.

Para mim revestiu-se antecipadamente dum certo fascínio, porque, pela primeira vez na minha vida, iria assistir ao debate de temas tão importantes, por investigadores e sumidades médicas.

Entreí na sala e, na verdade, a solenidade do acto apossou-se de mim. Senti que o momento era alto para a vida da Associação, que o facto de me sentar à volta daquela mesa tinha um significado especial. E tinha.

Significava a aceitação duma concepção moderna do que deve ser a Organização de saúde dum País. Significava o reconhecimento de que há problemas de saúde que requerem a participação dos doentes e interessados, não dos de ordem científica ou técnica que pertencem aos cientistas e técnicos, mas problemas que exigem uma definição das linhas gerais duma política de saúde.

Sentei-me e olhei em volta. Lá estavam os Drs. Corino de Andrade, Aloísio Coelho, Pinho Costa, Benvido Justiça, Falcão de Freitas, Paula Coutinho, Carneiro Chaves, A. Coimbra, Maria João Saraiva, A. Guimarães, Moradas Ferreira e outros que me perdoem não os nomear.

Era o Estado-Maior da luta contra a paramiloidose. Fez-se silêncio. Os Drs. Corino e Aloísio abriram o debate e muitas coisas foram ditas, intenções, desejos e frustrações.

Nós estávamos all e também participámos.

Também nos pronunciamos através do Presidente Snr. Monteiro.

Foi bom termos acesso a essa reunião e a nossa participação deve também ter sido útil.

Houve sensibilização mútua... comunicação como já havia entre a Associação e o Centro de Estudos de Paramiloidose. Honra seja feita aos pioneiros desta abertura, Drs. Corino de Andrade e Pinho Costa.

Pois que a comunicação é fundamental na vida das

sociedades, dos grupos, das Associações, empresas e agremiações, etc.

A falta de comunicação é uma doença que tem como sintomas o boato, a anarquia, o desinteresse o desânimo, em suma, o moral baixo.

A nossa Associação, mais do que qualquer outra, dada a sua especificidade, necessita de estruturas de comunicação que liguem o Centro de Estudos aos próprios doentes.

Quantos sacrificios e sofrimentos se teriam evitado, quantas incompreensões desnecessárias.

Urge aperfeiçoar esses sistemas de comunicação, trabalhemos para isso.

Como já foi abordado no Editorial a reunião definiu o «Dossier» como um «ponto da situação» ou como «um balanço» de toda uma actividade que conta decénios, onde pontificou a equipa «Corino de Andrade».

O Dr. Corino apelidou-o de «testamento».

Esta palavra pronunciada por quem foi, produziu em mim o efeito de um balde de água fria.

Porque o Dr. Corino continua a ser um impulsor, um aglutinador de vontades e energias, um organizador e coordenador de acções.

A investigação e a luta contra a Paramiloidose estão inexoravelmente ligadas a ele.

Para se chegar a este «guia de acção», que considero ser também este Dossier paramiloidose, quanto trabalho e dedicação sem limites lhe foi exigido e a outros obreiros, em condições que só hoje compreendem serem difíceis.

Eles lutaram em várias frentes: contra a doença, estudando-a, contra o desinteresse daqueles que não lhes proporcionaram os meios indispensáveis e contra a incompreensão doutros que deles exigiram tudo e sobre eles descarregaram as deficiências de toda uma estrutura e organização social.

Foi um longo caminho de estudo, de desbravar de dificuldades, que culminou com a apresentação deste «Dossier».

A todos «obrigado».



# CULTURA E RECREIO

*António Sérgio*

## 1.º Centenário do seu nascimento

Nascido a 3 de Setembro de 1883, António Sérgio, escritor ensaísta, crítico e pedagogo, foi uma das figuras mais representativas da cultura portuguesa deste século.

Polemista de grande fôlego, intelectual de formação idealista (representante, entre nós, do idealismo crítico — como correctamente assinala Vasco de Magalhães-Vilhena), foi colaborador assíduo da Seara Nova e Ministro da Instrução Pública em 1923.

A partir de 1926, passou abertamente à oposição à ditadura de Salazar e para fugir à prisão foi obrigado a exilar-se em França, onde permaneceu durante seis anos. Regressando a Portugal, após uma amnistia, acabou por ser preso e expulso do País, tendo sido mais tarde novamente amnistiado.

Defensor e divulgador do cooperativismo, lutou até ao fim dos seus dias contra a opressão aderindo às iniciativas da oposição democrática.

## LETRAS E ARTES

### Poema

#### ELOGIO DA DIALÉCTICA

*A injustiça avança hoje a passo firme.  
Os tiranos fazem planos para dez mil anos.  
O poder apregoa: as coisas continuarão a ser como são.  
Nenhuma voz além da dos que mandam.  
E em todos os mercados proclama a exploração: isto é apenas o meu começo.*

*Mas entre os oprimidos muitos há que agora dizem:  
Aquilo que nós queremos nunca mais o alcançaremos.*

*Quem ainda está vivo nunca diga: nunca.  
O que é seguro não é seguro.  
As coisas não continuarão a ser como são.  
Depois de falarem os dominantes  
Falarão os dominados.  
Quem pois ousa dizer: nunca?  
De quem depende que a opressão prossiga? De nós.  
De quem depende que ela acabe? Também de nós.  
O que é esmagado, que se levante!  
O que está perdido, lute!  
O que sabe ao que se chegou, que há aí que o retenha?  
Porque os vencidos de hoje são os vencedores de amanhã.  
E nunca será: ainda hoje.*

Bertolt Brecht

## ECONOMIA

*Colbertismo* — ou *mercantilismo* — princípio fundamental de economia no tempo de Luís XIV de França, e de D. Pedro II de Portugal, que consistia em vender o máximo e comprar o mínimo aos outros países. Um país seria tanto mais rico quanto mais ouro e prata possuísse. Por isso fomentavam-se as exportações e reduziam-se as importações.

*Inflação* — Desequilíbrio criado por um aumento de volume dos meios de pagamento (espécies monetárias ou créditos) disponíveis em relação ao volume dos bens ou serviços oferecidos no mercado e que tende para uma alta de preços: a inflação conduz mais tarde ou mais cedo à desvalorização da moeda.



## Orçamento

Ao fazermos o orçamento vamos apenas mencionar aquilo que de momento se nos apresenta como despesas a curto prazo.

Como explicamos na reunião no Porto em 5/Março/83, não vamos pedir equipamento para a sede, que em princípio nos parece estar minimamente equipada, tanto mais que neste momento o trabalho do Núcleo será mais na rua do que na sede.

É tradicional entre os pescadores Poveiros fazerem um mealheiro anual para o Santo da sua devoção-outro para o clube desportivo da sua terra ou outro, para uma ou outra obra de carácter religioso ou não.

Lembramo-nos de diligenciar junto dos donos e mestres das embarcações no sentido de fazerem também um mealheiro para o Núcleo, o que foi muito bem aceite.

Precisamos portanto de cerca de 300 mealheiros que foram orçamentados em 60\$00 por unidade,

Para deslocações do Núcleo para fazer o levantamento dos doentes, visitas domiciliárias, etc., prevemos uma despesa de cerca de 100.000\$00.

Os casos pontuais que nos forem surgindo de auxílio material aos doentes, serão resolvidos na altura própria, pois é-nos difícil fazer previsões neste sentido. Portanto, temos:

300 Mealheiros a 60\$00 .....	18.000\$00
Transportes e deslocações .....	100.000\$00

Pelo Núcleo de  
Póvoa de Varzim, Vila do Conde,

### CAMPANHA DE ANGARIAÇÃO DE SÓCIOS

Ao efectuarmos esta campanha verificamos que as pessoas estavam muito mais receptivas do que supunhamos.

Conseguimos cerca de 100 sócios novos, havendo ainda muito a fazer neste sentido.

Contactámos a Associação dos Pescadores da Póvoa de Varzim e Vila do Conde, estando esta Associação pronta a colaborar, fazendo a distribuição dos mealheiros pelos mestres dos barcos e fazendo divulgação do mesmo no seu boletim mensal.

Os sacerdotes das Paróquias onde existe Jornal puseram-se também à disposição para divulgação de assuntos referentes à doença.

Contactamos a Casa dos Poveiros no Rio de Janeiro no sentido de sabermos a situação dos emigrantes doentes e da eventual ajuda monetária ou científica que nos possam dar.

Encontramos pessoas desta zona, que conhecem bem a doença e se puseram à disposição para qualquer tipo de ajuda que esteja ao seu alcance.

Temos já o caso concreto do Sr. António Ferreira Vilacova, que entrou para Sócio, estava e está na disposição de nos ajudar, no caso de a sede que já temos se mostrar insuficiente.

Este senhor urbanizou uma parte das Caxinas onde construiu um Centro Comercial que tem Cinema. Pois por ordem dele os doentes paramiloidóticos têm entrada gratuita no referido Cinema, todos os dias ou noites da semana, menos aos sábados e domingos, o que é perfeitamente lógico.

Vamos tentar conseguir o mesmo num dos Cinemas da Póvoa, sendo já uma maneira de ocupar tempos livres.

### RELATÓRIO DE ACTIVIDADES DO NÚCLEO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE PARAMILOIDOSE DA FIGUEIRA DA FOZ

— Começou este Núcleo as suas actividades no ano de 1982/83 com nova Direcção e com as naturais dificuldades devido à falta de verbas, pois que um saldo de 35.145\$00 não permitia grandes esperanças.

a — Assim, realizámos um espectáculo de variedades para angariação de fundos, com artistas amadores locais e a prestimosa colaboração do Grupo Caras Direitas de Buarcos, que nos rendeu a quantia de 40.000\$00 o que nos permitiu encarar o futuro com mais optimismo.

b — Reunimos mensalmente no último sábado de cada mês, embora algumas reuniões não se efectuassem por falta de comparência de alguns elementos.

c — Tratámos de obter subsídios, o que conseguimos embora tardiamente recebidos, nos vão permitir maiores realizações em 1983.

d — Realizámos um convívio com doentes e familiares, havendo a lamentar a pouca afluência de pessoas.  
e — foram efectuadas na nossa Sede 125 consultas médicas a homens e 75 a mulheres, havendo nos nossos ficheiros cerca de 50 doentes confirmados.

f — Continuaram a ser excelentes a colaboração e os contactos entre o Núcleo, doentes, médicos e técnicas de serviço social.

A equipa que assegura a consulta PAF, — valência do Centro de Saúde — cabe aqui uma palavra de louvor e gratidão ao Sr. Dr. Jerónimo Coutinho pelo interesse e carinho que sempre tem demonstrado pelos doentes paramiloidóticos, não só no consultório da Sede, como também no Centro de Saúde e nas chamadas ao domicílio.

Também expressamos a nossa simpatia e agradecimento às Técnicas de Serviço Social Sr.ªs D.ªs Elisabete Rosado e Palmira Bernardino, prestando esta acolhimento aos doentes, dando-lhes apoio psicológico e respondendo às solicitações que lhe são apresentadas, de acordo com os objectivos do Serviço a que pertence.

A sua acção, tem incidido particularmente em assuntos relacionados com Juntas Médicas para invalidez e grande invalidez e concessão de aparelhos de marcha.

Em relação a este último aspecto faz-se um trabalho de ligação com a Secretaria de Próteses do Hospital de St.º António dos Capuchos, para concessão gratuita dos referidos aparelhos, nomeadamente cadeiras de rodas e triciclos motorizados.

Foram já concedidos 3 triciclos e 5 cadeiras de rodas.

Apesar de este serviço ser prestado gratuitamente, o que muito tem ajudado os doentes, chamamos a atenção para a morosidade que se verifica em todo o processo, havendo situações em que estiveram um ano à espera do aparelho.

Ora, dado o carácter progressivo da doença, acontece que, em alguns casos os aparelhos ou já não são usados pelos doentes ou são-no durante muito pouco tempo.

Impõe-se portanto um contacto com a Secretaria de Próteses no sentido de se avançar com a descentralização do processo.

Figueira da Foz, 19 de Março de 1983



## Noticias dos Núcleos

### Actividade do Núcleo da A. P. P. da Póvoa de Varzim e Vila do Conde, no período de 82/83

- 1 — Este núcleo foi formado no início do ano de 1982, partindo do zero. Conseguimos reunir algumas pessoas da Póvoa de Varzim e outras de Vila do Conde, às quais foram atribuídas determinadas funções.

Um dos elementos, mais precisamente o coordenador desapareceu e o núcleo ficou disperso e parado durante algum tempo, até porque a sala onde normalmente reuníamos dependia do referido coordenador.

- 2 — Apesar disso, e depois de uma solicitação que nos foi feita pelo Centro de Saúde para se fazer o rastreio dos doentes, arrancamos com o mesmo.

Temos uma ideia das famílias afectadas, tendo já neste momento passado pela consulta do Centro de Saúde da Póvoa de Varzim cerca de 60 doentes.

- 3 — A zona mais atingida é a das Coxinas e aí não temos ainda números, mas que julgamos ser talvez superior ao total do concelho da Póvoa de Varzim.

- 4 — A par disso fizemos uma campanha de angariação de sócios, tendo conseguido cerca de 100 sócios novos. Procuramos cobrar as quotas em atraso.

Ao mesmo tempo procuramos ver as condições de vida, como sendo a habitação, alimentação e informação dos doentes, o que em alguns casos é conflagrador.

Procuramos na medida do possível sensibilizar, desmistificar e até informar a população, principalmente os não doentes, sendo-nos em alguns casos muito úteis as intervenções dos Sacerdotes das Paróquias, principalmente nas freguesias.

Os Presidentes das respectivas Juntas de Freguesia e Casas do Povo, têm também sido bons colaboradores.

- 5 — Tentamos reestruturar o Núcleo e pensamos que a melhor forma seria conseguir um elemento em cada freguesia. Neste ponto temos mais ou menos assegurada colaboração na Aguçadoura, em Rates, em Terroso e em Amorim.

- 6 — Entrou para o Núcleo o Snr. Padre Domingos, Pároco das Coxinas, que nos cedeu uma sala do Salão Paroquial das Coxinas, para aí funcionar a sede do Núcleo.

- 7 — Para conseguirmos fazer este trabalho há que realçar a boa colaboração do Centro de Saúde da Póvoa de Varzim, que nos tem cedido uma ou duas manhãs por semana, uma viatura e uma Enfermeira, que inclusive conduz a mesma. Quando não temos carro do Centro continuamos o trabalho no carro de um elemento do Núcleo, sempre acompanhadas de uma técnica do Serviço Social.

Temos ainda que fazer justiça ao trabalho dos médicos dos Centros de Saúde, quer da Póvoa de Varzim Snr. Dr. Alfredo Graça, quer de Vila do Conde Snr. Dr. Amadeu, estando este a fazer neste momento a consulta gratuitamente.

Gostariamos ainda de realçar a humanidade destes médicos que fazem, sem ave nada os abrigue, domicílios, sabendo os doentes que podem contar com eles, como médicos e como amigos.

Antes de narrarmos as coisas tristes que vimos, achamos ser de louvar a atitude do Snr. Dr. Amadeu, que tendo sido contactado pelo correio para pagamento das quotas em atraso, foi pessoalmente a casa da tesoureira (que ele não conhece) pagar, não se tendo identificado como médico, mas apenas como sócio.

Foi, quanto a nós uma atitude bonita e que no meio de tantas recusas e más vontades nos caiu bem.

- 8 — Enquanto fazíamos o rastreio encontramos casos tristes aos quais não sabemos como acudir, tanto mais que sabemos que ao fazermos o levantamento iremos encontrar muitos mais.

Na Aguçadoura encontramos uma doente a viver numa barraca de madeira construída na areia.

A casa de banho desta barraca é comum a mais duas ou três e é também na areia, um pequenissimo barraco a cerca de trinta metros na direcção do mar, em plena praia.

Em Beiriz encontramos uma família, cujo chefe é o doente, um rapaz novo já com três filhos pequenos, que vivem todos numa casa a cair, aliás parte dela já ruiu mesmo, dizendo-nos ele com uma aceitação de espantar: — Isto qualquer dia cai-me a casa em cima e eu não posso fugir, salvem-se ao menos os pequenos e a mulher, que eu enfim já estou condenado.

Outro caso muito diferente, mas também muito grave, é o de um doente que se revolta contra o facto de o ser, chegando a tratar mal a mulher e os filhos, que estão já de tal modo traumatizados ao ponto de o filho tomar já calmantes em doses elevadas, andando a ser vigiado por um psiquiatra.

Casos destes são muito frequentes.

É por casos como estes e outros, (caso de uma moça de vinte e cinco anos) que morreu no Hospital de Vila do Conde, por não ter quem a lavasse, tratasse e até talvez por ter vergonha de pedir ajuda aos vizinhos, insistimos, é por estes casos que defendemos a construção do referido Centro-Lar para acudir a doentes que por uma razão ou outra, se encontrem em situações precárias.

Pensamos e pela experiência que temos, que há quinze ou vinte anos havia muita miséria material, mas hoje, e porque para sobreviver ambos os conjuges têm de trabalhar, o problema da assistência ao doente é mais difícil, pois o agregado familiar ausenta-se uns para cada lado para ganhar a vida e o doente fica em casa, às vezes todo o dia, só ou acompanhado de crianças muito pequenas.

- 9 — Para o ano de 83/84 não apresentamos um plano de actividades, pois vamos continuar o rastreio e começar o levantamento. Só na medida que o levantamento vá avançando poderemos saber das carências reais de cada família. Disso vos daremos conhecimento.



A cal subiu a 1530 moios. E assim as entradas e saídas de embarcações do porto foram aumentando em número e importância com o rodar dos tempos, merecendo especial destaque a exportação da cal, produto autóctone que, para o caso, mais interessa seguir-lhe o rasto.

Para onde sairia a cal? A que se destinaria? É o que iremos ver de seguida.

Conforme consta do Livro do registo da Alfândega de 1690 a 1701, fl. 15 v.º e 17 v.º, e livros de receita desde 1648, verifica-se que « foi para os portos do norte do reino que principalmente saiu a cal, sendo em grande parte aplicada às fortificações de Entre Douro e Minho ». (Materiais para a História da Figueira nos séc. XVII e XVIII, por António dos Santos Rocha). Do mesmo autor poderemos ler: « O comércio da cal, que no século anterior prometia largo desenvolvimento e que devia produzir benefícios consideráveis, por ser artigo de fabricação local, parece não ter progredido. No ano de 1701 o livro da receita e despeza da Alfândega regista a saída de 648 moios (o molo de cal parece que media 78 alqueires), e o livro das fianças dos portos seccos 601 moios. Em 1702 esta última escripturação menciona 505 moios, e o livro, das finanças do consulado 305 moios. Em 1703, segundo este livro, baixou para 217 moios, em 1704 para 121, e no triénio de 1706-1708 a média, segundo o mesmo livro, foi de 283 moios ».

Do mesmo autor colhemos ainda a seguinte justificação, para a estagnação do comércio da cal:

« A nosso ver, o facto seria devido apenas à diminuição do consumo da cal nas fortificações de Entre Douro e Minho, porque para estas obras, principalmente, é que a Figueira fornecia esse produto. Também as obras dos conventos do norte do país consumiam algumas porções: podemos citar o mosteiro de Vilar de Frades, o dos frades do Carmo de Esposende e o dos carmelitas descalços de Viana... ».

Estas notícias são extremamente esclarecedoras.

Sabe-se que as obras das fortificações da Póvoa de Varzim foram iniciadas no reinado de D. Pedro II, por isso, nesta época. No reinado de D. Pedro II, foram construídas as fortificações de Esposende. O convento de Vilar de Frades fica localizado em Barcelos.

Mas para que possamos tirar as nossas conclusões, será de toda a conveniência, neste momento, darmos um salto até à história da Póvoa de Varzim e ver o que lá se passava por volta do ano de 1701.

É assim que Viriato Barbosa se refere em « A Póvoa de Varzim (Ensaio da História desta Vila) relativamente à construção da fortaleza desta cidade:

« Os trabalhos de construção da Fortaleza começaram no ano de 1701, no tempo de D. Pedro II, a requerimento do capitão de ordenanças desta vila, João d'Almeida Réro, e a instâncias do Governador das armas da cidade do Porto, o mestre de Campo Dom Pedro de Vasconcelos e Sousa, filho dos Condes de Castelo Melhor... ».

«...Durante três anos seguidos tiveram as obras o seu natural desenvolvimento sendo nesse espaço de tempo construída a sapata de toda a muralha, elevando-se esta até à altura de 13 ou 17 palmos em dois baluartes. Noutros pontos a obra marchava mais vagarosamente ».

As obras estiveram paralisadas de 1704 a 1738, isto é, durante 35 anos. D. João V interessou-se pela conclusão rápida da fortaleza, tendo esta sido concluída dois anos mais tarde, em 1740.

Relacionando estes factos locais com a história contemporânea do País, situámo-los no reinado de D. Pedro II, nas vésperas de nos vermos envolvidos na guerra da Sucessão ao trono de Espanha.

D. Pedro II manda construir fortalezas por todo o território, talvez por dois motivos: primeiro, para defesa dos ataques dos corsários que infestavam

o litoral; segundo, porque antevendo o estalar da guerra da Sucessão, queria estar preparado para ela.

Confrontando as datas de todos estes acontecimentos verificamos haver um sincronismo perfeito entre o movimento de cal do porto da Figueira da Foz, e o início e a paralisação das obras da fortaleza da Póvoa de Varzim, enquadrados na história do País, dessa época.

Senão vejamos:

1701 — rebenta a guerra da Sucessão e o teatro das operações dessa longa luta de 13 anos foram o norte de França e o sul de Itália.

— início da construção da fortaleza da Póvoa de Varzim.

— Sai cal do porto da Figueira da Foz para os portos do norte, para ser aplicada, em grande parte, nas fortificações de Entre Douro e Minho.

1704 — desembarque em Lisboa do exército anglo-holandês e declaração de guerra à Espanha.

— paralisam as obras da fortaleza da Póvoa.

— a saída de cal da Figueira cai para 121 moios.

Perante tanta coincidência, somos realmente forçados a admitir que foi o porto da Póvoa de Varzim e as obras da sua fortaleza, um desses « portos do norte do reino » e uma dessas « fortificações de Entre Douro e Minho », a que se refere o autor dos « Materiais para a História da Figueira », para onde saiu e foi aplicada a cal.

Igualmente somos forçados a admitir que foram os naturais da Póvoa de Varzim que levaram a paramiloidose para a Figueira da Foz nos princípios do séc. XVIII.

## UNHAIS DA SERRA E SEIA

Em Unhais da Serra, freguesia do Concelho da Covilhã, distrito de Castelo Branco, e em S. Romão, freguesia do Concelho de Seia, distrito da Guarda, também existem alguns casos de paramiloidose. Localidades situadas muito para o interior não muito distantes uma da outra, em plena região da serra da Estrela, foi motivo de estupefacção o aparecimento de doentes com paramiloidose, nesta zona. Passados que foram os tempos de surpresa, hoje busca-se uma explicação para os motivos que fizeram chegar a doença até à Serra da Estrela. Sabemos que a Covilhã e a Guarda estiveram ligadas a quase todas as localidades do País. As suas feiras são muito antigas.

No reinado de D. Pedro II, foram estabelecidas na Covilhã e noutras terras, pelo Conde de Ericeira, as primeiras fábricas de lanifícios do País, seguindo as doutrinas colbertistas da época, mais propriamente chamadas de nacionalismo económico.

Por conseguinte não poderemos considerar estas terras isoladas dos principais centros de comércio da nação.

Feito este pequeno intróito, e voltando de novo à questão da existência de alguns focos de paramiloidose na Serra da Estrela, desconhecemos donde eram naturais as pessoas que a levaram para lá, bem como a época e as suas circunstâncias. Apenas temos conhecimento, como já atrás tivemos ocasião de referir, que felrantes de St.ª Maria de Galegos iam comerciar para essas paragens, onde lá permaneciam bastante tempo.

Existe também em Unhais da Serra umas termas anti-reumáticas, de alta qualidade, desde o início do séc. XIX, que nos podem ajudar a architectar a hipótese de terem sido os paramiloidóticos da Figueira da Foz os portadores da doença para essa região, ao recorrer às termas para curar os seus padecimentos musculares.

Próximo tema: **Como terá chegado a Paramiloidose ao Japão**



do parte do Baixo Alentejo e Algarve. O facto de se dividir o País em quatro zonas, não significa que as considerássemos estanques, nem tão pouco invalida a existência duma interpenetração comercial entre as diversas zonas aqui focadas — haja em vista a estrada Lisboa-Santarém-Coimbra e Porto.

Conhecendo agora melhor a direcção em que se moviam as pessoas e as suas motivações, especialmente de ordem económica e religiosa (feiras e romarias), estamos com capacidade de compreender melhor como é que os descendentes do(a) primeiro(a) paramiloidótico(a), que terá nascido no séc. XIV ou XV, na região da Póvoa de Varzim, se terão movimentado inseridos nas emigrações normais dos seus contemporâneos. Seguir-lhes as pegadas, descobrir os factos e as causas que motivaram essas deslocações é o que iremos tentar fazer.

**PÓVOA DE VARZIM — VILA DO CONDE  
BARCELOS — ESPOSENDE**

Voltando de novo à região norte, é neste aglomerado de concelhos de fronteiras contíguas, que se encontra o maior número de doentes com paramiloidose.

A constatação desse facto, revela-nos, quanto a nós, a existência dum remoto intercâmbio que se movia numa área compreendida entre a Póvoa de Varzim e Esposende e o interior barcelense.

Acho neste momento oportuno socorrer-nos do nosso poder imaginativo, para amenizar um pouco a descrição, e supor que o primeiro paramiloidótico nasceu em 1360 e combateu na batalha de Aljubarrota em 1385. Descendente dos primeiros « probadores de Varzim », bateu-se com valentia como é apanágio de todos os poveiros, de tal sorte que mereceu os maiores louvores do Santo Condestável. D. Nuno, por simpatia, trá-lo no seu séquito, para o norte aquando da sua tomada de posse do Condado de Barcelos, que lhe foi doado por D. João I, por altos serviços prestados. Em chegando a Vila do Conde, D. Nuno terá feito uma visita de cortesia ao Convento de Santa Clara, tê-lo-á apresentado à Madre superiora e restantes freiras, que se tornaram suas protectoras, e em seguida terá regressado coberto de glória para o seio da família, na Póvoa de Varzim. D. Nuno dirigiu-se para Esposende e subiu o Cávado rumo a Barcelos.

Evidentemente que esta passagem é produto de imaginação, que muito bem poderia ser verdadeira, mas já não é invenção fantasista o facto de D. Nuno Álvares Pereira se ter tornado no 7.º Conde donatário de Barcelos. Trata-se dum facto histórico.

Muito poderíamos dizer sobre a extraordinária riqueza histórica de Barcelos. Mas apenas abordaremos um ou outro aspecto da história desta cidade, quando julgarmos que vem auxiliar o entendimento da exposição.

O Concelho de Barcelos ainda hoje é o maior do País em número de freguesias. Em 1836 era limitado ao norte pelo rio Lima, a sul pelo rio Ave e a poente pelo mar (Abade de Louro, Memória Histórica).

Póvoa de Varzim resumia-se a parte da povoação, pois a parte restante pertencia ao termo (concelho de Barcelos).

A penetração da paramiloidose através destes concelhos, significa, como já se disse, a existência dum tráfego mercantil entre estes quatro concelhos, numa interpenetração absolutamente natural, dada a proximidade geográfica.

A dar consistência ao que se disse, temos a feira franca de Barcelos concedida por D. João I em 1412 e sabe-se da existência doutra semanal, desde o séc. XVI que « se converteu num dos mais excepcionalmente importantes mercados de todo o país... museu típico e originalíssimo de tudo quanto o formigueiro minhoto produz e transaciona — é a FEIRA GRANDE DAS CRUZES — (Barcelos - resenha histórico-pitoresca-artística de J. Mancelos e A. Soucasaux).

A seguir à organização da feira, em 1412, certas obras de vulto são edificadas em Barcelos, cabeça do Condado e do termo, sobressaindo as fortificações,

muralhas ou muros cuja iniciativa terá pertencido a D. João I. No arquivo Municipal do Porto, Livro A a fls. 920, existe a carta régia de 10 de Agosto de 1413 (e. C. 1451) que contém isenção dos habitantes de Azurára (Vila do Conde) de servirem nas obras de Barcelos. As obras que, por certo, seriam os muros, segundo a opinião do autor de « Barcelos - resenha histórica - pitoresca - artística ». Por colação poderemos também concluir que os moradores doutras terras vizinhas de Azurára teriam a obrigação de trabalhar nas obras públicas de Barcelos. Ainda seguindo o pensamento que vimos a desenvolver, registamos a presença do principal foco de doentes deste concelho na freguesia de St.ª Maria de Galegos (zona do barro). A existência duma importante indústria de olaria aí localizada, de antigas tradições, as sucessivas gerações de artistas de cariz popular que trabalham o barro, confeccionando os célebres bonecos, onde paralelamente se desenvolveu uma classe de feirantes e mercadores, é sintomático. Esses feirantes devem ter chegado a todo o País. Indo ao encontro do que se disse, foi-nos comunicado pessoalmente que os feirantes desta freguesia iam mercadejar às feiras da região da Serra da Estrela, onde lá permaneciam durante bastante tempo. E porque vem a propósito, visto que estamos a falar no movimento de pessoas na sua acção mercantil e não só, sabe-se que os lavradores desta freguesia dirigiam-se à Póvoa de Varzim, com os seus carros de bois, donde de lá transportavam o sargaço para adubo dos seus campos. Creio que era o sargaço, se não estou em erro. E já agora, como curiosidade, sabe-se que os primeiros banhistas da Apúlia, Concelho de Esposende: eram naturais de Barcelos.

**FIGUEIRA DA FOZ — col para as fortificações de Entre Douro e Minho**

A Paramiloidose também desceu até à Figueira, encontrando-se hoje aí fortemente implantada.

Este facto indica-nos ter havido um estreito relacionamento comercial entre estas duas zonas marítimas. Os forais de Alhadas, Tavadre e Buarcos, hoje freguesias do Concelho da Figueira, dados por D. Manuel I, em 1516, apontam-nos nesse sentido. No articulado referente aos « privilegiados », isto é, às pessoas, cidadãos, vilas ou lugares do reino, isentos do pagamento de impostos na transacção de mercadorias, aparecem mencionadas as seguintes localidades, além de outras: Gaya do Porto, Póvoa de Varzim, Braga, Barcelos, Covilhã, Guarda, etc.

Assim não poderão restar grandes dúvidas de que eram originários do litoral norte, provavelmente da Póvoa de Varzim, os portadores da paramiloidose para a área da Figueira.

Mas antes de revelarmos novos elementos, que pretendemos serem provas de intercâmbio entre estas duas zonas, e usando o mesmo critério anterior, iremos falar um pouco da história da foz do Mondego, a partir de 1600.

No tempo em que Portugal suportou o jogo dos Filipes de Espanha, a Figueira não passava duma pequena e pobre povoação. Sem defesa capaz estava à mercê dos ataques dos corsários. A mesma sorte estava votada Buarcos e toda a costa portuguesa. Apesar de tudo sabe-se que a Figueira possuía já em 1611 algumas embarcações que se aventuravam a ir à pesca do bacalhau à Terra Nova.

Mas é sobretudo com a recuperação da independência que o porto da Figueira começa a desenvolver-se e a ganhar importância, com a implantação da indústria da construção naval.

Ao desenvolvimento da marinha ligou-se « o aumento sempre crescente do comércio do porto ».

Inúmeros dados ilustram o que afirmamos. Em 1646 o movimento conhecido foi de 41 embarcações. *Saiam 1299 moios de cal, 102 de trigo, 64 de milho, 85 mós de moinho, 16 dúzias de taboado e 200 de louça* — (Livro da receita da Alfândega de 1646).

Em 1648 o número de navios saídos elevou-se a 47.



Coimbra — 1377, Viseu — 1392, Barcelos — 1412 e Montemor-o-Velho — 1426, etc., conforme se pode observar pelo mapa.



O mercado interno e a sua expansão vistos através de feiras e dos principais centros de comércio fixo permanente. (De «A Evolução Económica de Portugal nos séculos XII a XV» volume 10.º — página 123)

As feiras tiveram o seu auge no reinado de D. Afonso V e começaram a declinar a partir de D. Manuel I. Contudo elas desempenharam um papel de relevo na formação desta unidade económica e espiritual que é a nação. Sofreram através dos tempos os efeitos da evolução económica e social do País. «Todavia, ainda hoje subsiste em Portugal o comércio errante, as feiras, os bufarinheiros e os feirantes. Ainda hoje as feiras representam o seu papel na economia da nação e vários produtos encontram nelas a melhor forma de colocação.» — Feiras Medievais Portuguesas, de Virgínia Rau.

As feiras mobilizavam os mercadores e os feirantes que percorriam as cidades, as vilas e as povoações e lá permaneciam enquanto elas duravam, 8 dias, 15 ou 1 mês.

**OS ALMOCREVES**

Todavia há uma actividade muito importante e que ainda não foi abordada, que é o transporte de mercadorias. Essa actividade foi desempenhada desde a Idade Média pelos almocreves. Era uma classe profissional socialmente modesta, contudo essa situação não lhe diminui a importância que teve na ligação das povoações que percorria incessantemente, no transporte de mercadorias dumais localidades para outras utilizando bestas cavалares e muares. Tão necessários foram que havia uma preocupação aguda por parte dos habitantes dos Concelhos no sentido de que os mesmos fossem

visitados por estes transportadores. Na carta que D. Pedro I deu ao Concelho de Cabrela, de 1365, alude ao despovoamento da vila pelo facto dos almocreves a deixarem de percorrer.

«Todas as localidades do País com um mínimo de importância dispunham dum corpo de almocreves indispensável ao seu auto-abastecimento.» (Jorge Borges de Macedo, ob. cit. p. 132). Com a sua acção os almocreves complementaram de forma eficaz o comércio fluvial e marítimo e contribuíram para o desenvolvimento das comunicações inter-regionais e a integração económica do território.

Alguma documentação dispersa revela-nos determinadas linhas de circulação de produtos posta em prática por estes incansáveis caminhantes. Não podemos ter, contudo, a pretensão de ser possível estabelecer uma completa tessitura das linhas comerciais por eles trilhadas.

Melhor do que estar a descrever essas linhas, de forma pormenorizada, que se tornaria fastidioso, pedimos a atenção para o mapa em que mostra «algumas linhas de transporte de peixe e de sal, do litoral para o interior. (séc. XIV e XV).



(De «A Acção dos Almocreves — pág. 43» de Humberto Baquero Moreno)

Com vista a uma melhor compreensão das linhas comerciais mais relevantes existentes em Portugal, nos séc. XIV e XV, iremos dividir o País em quatro sectores: zona norte, onde se observa uma relação entre a cidade do Porto, Bragança, Chaves, Lamego e Viseu; centro norte cujos principais eixos se situam em Coimbra e Aveiro; centro sul ligando Lisboa, Santarém e Setúbal com todo o Alto Alentejo, com especial relevância para a cidade de Évora; e zona sul, engloban-



# A Paramiloidose e sua propagação ao longo dos Séculos

Por: António Rodrigues Morais  
Secretário da Direcção da APP.

A paramiloidose é uma doença hereditária, de carácter dominante, que parece ter surgido nos finais da 1.ª dinastia, princípios da 2.ª, no litoral norte, mais precisamente na Póvoa de Varzim.

Esta doença que acometeu pela primeira vez um(a) habitante desta zona, foi devida a uma mutação genética que se operou no corpo dessa pessoa, erro que se foi transmitindo de pais para filhos através de inúmeras gerações até aos nossos dias.

A ocorrência de mais do que uma mutação no mesmo « locus genético » em mais do que um indivíduo, numa área tão pequena como a que fica a norte do Tejo, e no mesmo período (isto em termos de alguns séculos), parece tratar-se, no campo das probabilidades, dum acontecimento impossível.

Assim iremos admitir que o primeiro(a) paramiloidótico(a), avoengo(a) de todos os que hoje existem, viveu na área da Póvoa de Varzim nos finais do Séc. XIV, princípios do Séc. XV e que os seus descendentes, ao cabo de alguns séculos, se fixaram em diversos pontos do País e do Mundo.

Como isso aconteceu... é o que iremos tentar saber.

## TRIÂNGULO VIANA DO CASTELO — BRAGA — PORTO

Por uma questão de exposição, vamos considerar nestas três cidades os vértices dum triângulo. A paramiloidose encontra-se localizada na região norte, dentro e ao longo deste triângulo. Mas é precisamente no seu centro, numa região que engloba os concelhos da Póvoa de Varzim, Vila do Conde, Esposende, Barcelos e Braga, que a paramiloidose se encontra fortemente implantada, com o mais elevado índice de concentração na Póvoa de Varzim e Vila do Conde (Caxinas).

Depois de ter transposto as fronteiras da Póvoa, povoação de pescadores e talvez pescadores-lavradores, infiltrou-se para o interior, como fogo morto, e foi descendo pelo mar, para sul, até chegar à Figueira da Foz. Também atingiu a Serra da Estrela em época que desconhecemos. E de presumir que se tenha instalado na Foz do Mondego nos finais do séc. XVII, inícios do séc. XVIII.

Adiante teremos oportunidade de abordar e aprofundar este tema.

Em todos os tempos houve movimentação e emigração de pessoas e populações dumas localidades ou regiões para outras. Para compreendermos melhor as causas destes fenómenos e os mecanismos que os regularam, convém que recuemos aos primórdios da 1.ª dinastia, ou até aos tempos que antecederam a fundação da nacionalidade.

## EMIGRAÇÃO PARA A COSTA NO ALVOR DA NACIONALIDADE

Sómente com a tomada de Lisboa aos mouros, em 1147, é que as povoações do litoral norte começaram a usufruir de segurança. Antes, a beira-mar, do Minho ao Mondego, era frequentemente assolada por piratas sarracenos que pilhavam e destruíam as povoações.

Por esse motivo a actividade portuária e piscatória era inexistente nessa altura. Além doutros documentos da época, disso nos dá conta o escritor que acompanhou

a cruzada que ajudou D. Afonso Henriques a conquistar Lisboa aos mouros, na sua « Epistola sobre a Expugnação de Lisboa — Scriptoros ».

Na sua descrição ele não cita nenhum centro urbano ao longo da orla marítima, descrevendo, contudo, povoações distanciadas do litoral, deixando concluir que, quem nomeou Braga associada ao Rio Cávado, o mosteiro de Santo Tirso ao Ave e o Douro a Portugalá, com mais facilidade daria conta no seu pequeno bote da existência de qualquer grupo urbano em toda a extensão costeira. Posto isto, poderá afirmar-se que nesse tempo não existia ao longo da costa qualquer núcleo urbano, nem qualquer póvoa na embocadura dos rios.

Achando agora o litoral seguro, os habitantes das zonas confinantes com o mar afluem aos portos e encaçadas, junto à foz dos rios, e iniciam a actividade piscatória e de navegação, juntamente com a exploração do sal. Com o incremento destas actividades vão-se tornando necessários braços para o trabalho, que emigram do interior de Entre Douro e Minho, não de jacto, mas de forma gradual. Esta emigração pouco caudalosa, mas contínua vai influir na evolução da velha sociedade portugalense. Vai aumentar a população costeira de forma significativa e diminuir a população agrícola do hinterland.

É neste período que se assiste à nascença das póvoas, sobretudo a partir do reinado de D. Sancho I, e cujas notícias nos aparecem através dos Forais e Inquirições: — Caminha — foral de D. Dinis de 1284, Viana, foz do Lima — Inquirições de 1258, Fão — 1220, Esposende formou-se ulteriormente a 1258, Argival — Inquirições de 1220 (esta povoação fazia parte o porto de « Varazim », Póvoa de Varzim — foral de D. Dinis de 1308, Vila do Conde é doada em 1209, Zurára e Pindelo aparecem nessa altura como povoações, cujos moradores pescavam no mar e finalmente Matosinhos — Inquirições de 1258, etc..

## FEIRAS E MERCADOS

Com o desenvolvimento da actividade marítima, regista-se como que uma inflexão do litoral para o sertão.

A testemunhá-lo temos a criação das primeiras feiras, que aparecem como consequência e necessidade organizativa do comércio entre o litoral e as povoações sertanejas. Da beira-mar chega o peixe e o sal e das lavouras interiores, o vinho, o azeite, o mel, as loiças, etc..

Em cada povoação havia um mercado e destinava-se a abastecer os povoados dos artigos de alimentação diária e vestuário. As feiras põem em contacto o comércio local dos mercados com o comércio do País inteiro, efectuaem-se periodicamente no espaço mínimo de 15 dias, numa localidade determinada e através delas distribuem-se os artigos de importação. A maioria das feiras realiza-se, regra geral, na ocasião das romarias ou festas de santos mais venerados. Mas, como as póvoas, é sobretudo a partir de D. Sancho I que as feiras se organizam.

A mais antiga é a de Ponte do Lima — 1125. Seguem-se outras: Vila Nova (de Famalicão?) — 1205, Guarda — 1255, Guimarães — 1258, Covilhã — 1260, Bragança — 1272, Porto — a. 1258, Lamego — 1292, Gaia — 1302, Viana — 1286, Braga — a. 1307,